

# REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA ADOÇÃO: O QUE PENSAM CRIANÇAS E ADOLESCENTES?

SOCIAL REPRESENTATION OF ADOPTION: WHAT DO CHILDREN AND TEENAGERS THINK ABOUT?

Marcel da Luz Pessoa da Silva<sup>I</sup> 

Felipe Biasus<sup>II</sup> 

<sup>I</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Erechim, RS, Brasil. E-mail: cacaroto44@outlook.com

<sup>II</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Erechim, RS, Brasil. E-mail: febiasus@gmail.com

**Resumo:** Estudos sobre o tema adoção, com a população não relacionada ao mesmo, são escassos e militantes da causa ressaltam a necessidade de desenvolver uma cultura adotiva. Mediante isto, se procurou compreender nesta pesquisa de caráter qualitativo, inserida nos estudos de Representação Social, o que crianças e adolescentes, membros da comunidade geral, pensam sobre o assunto. Participaram do estudo 101 crianças, estudantes do 5º e 6º ano do Ensino Fundamental, e 152 adolescentes, do 2º e 3º ano do Ensino Médio, ambos vinculados a colégios estaduais. A coleta de dados fora executada através de questionário autoaplicável, contendo questões abertas, fechadas e a Técnica de Associação Livre de Palavras, enquanto a análise ocorreu com o uso dos softwares EVOC e IRAMUTEQ. Verificou-se que para as crianças a ideia organizadora da representação social da adoção seria a do direito que todas as crianças têm de vivenciar um lar, afetividade e cuidados, e a ideia organizadora para os adolescentes seria a de uma ação responsável com intuito de criar uma família. Alguns resultados obtidos vêm ao encontro de estudos anteriores sobre essa temática, como a alta relação feita entre adoção e infertilidade quando os participantes relatam a motivação para essa ação. Uma preparação adequada dos pretendentes à adoção é outro fator apontado nos estudos, sendo um quesito que não chegou a ser citado pelos participantes, que destacaram apenas algumas condições materiais, emocionais ou comportamentais para quem deseja adotar. O que reafirma o baixo destaque que a população em geral dá à preparação dos pretendentes.

**Palavras-chave:** Representação social. Adoção. Adotantes. Crianças. Adolescentes.

**Abstract:** Studies on the adoption theme, with the population unrelated to it, are scarce and advocates highlight the need to develop an adoptive culture. Through this, sought to understand in this qualitative research, inserted



DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v16i30.150>

Aprovado pelo Edital Prêmio Destaque 2019



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NonComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

in the Social Representation studies, what children and teenagers, members of the general community, think about the subject. The study included 101 children, students in the 5th and 6th grades of elementary school, and 152 teenagers, in the 2nd and 3rd grades of high school, both linked to state colleges. Data collection was performed through a self-administered questionnaire containing open, closed questions and the Free Evocation of Words Technique, while the analysis took place using the EVOC and IRAMUTEQ software. It was found that for children the organizing idea of social representation of adoption would be the right that all children have to experience a home, affection and care, and the organizing idea for teenagers would be a responsible action in order to create a family. Some results are in line with previous studies on this subject, such as the high correlation between adoption and infertility when participants report the motivation for this act. Adequate preparation of applicants for adoption is another factor pointed out in the studies, being a point that was not mentioned by the participants, who highlighted only some material, emotional or behavioral conditions for those who wish to adopt. This reaffirms the low emphasis that the general population gives to the preparation of applicants.

**Keywords:** Social representation. Adoption. Adopters. Children. Teenagers.

## 1 Introdução

Segundo Moscovici (2001), Representação Social refere-se ao conjunto de conceitos, explicações e ideias que surgem a partir da vida cotidiana, pois os indivíduos pensam de forma autônoma, constantemente produzindo e comunicando representações. O estudo das representações sociais, portanto, busca entender a forma como se elaboram nos grupos as explicações cognitivas para determinado objeto, explicações que anteriormente eram entendidas na sociedade como crenças ou o senso comum. Este objeto pode significar qualquer coisa, como uma ação, um comportamento, um indivíduo, ou mesmo um objeto de fato. Nesta pesquisa, o objeto de que se fala é a adoção.

Vala (1996) destaca como as representações sociais contribuem para os processos formadores e para os processos de orientação das comunicações e dos comportamentos. Dessa forma, a construção de uma representação social auxilia uma comunidade na resolução de problemas, dá forma às suas relações sociais e oferece um instrumento de orientação de seus comportamentos. Portanto, a

funcionalidade específica das representações sociais é servir como um saber prático aos indivíduos que compartilham um grupo.

Sobre a representação da adoção, estudos com a população em geral são escassos e militantes da causa têm abordado a necessidade do desenvolvimento de uma cultura adotiva. A partir de uma categorização dos fichamentos de 45 artigos levantados por meio de uma revisão não sistemática da literatura nacional, se chegou a quatro categorias principais do conteúdo produzido sobre adoção: *especificidades da adoção, relação adotiva, adultos e representações sociais*.

Foram inclusos em *especificidades da adoção* artigos que abordam adoções “atípicas”, ou seja, aquelas adoções que fogem do perfil padrão de adotado (bebê caucasiano, sem complicações físicas ou mentais). Observou-se que quanto mais os adotantes são informados sobre o processo adotivo em si e quanto mais eles entram em contato com crianças e jovens que fogem do perfil idealizado, maiores são as chances dos mesmos flexibilizarem seu perfil de adoção almejada. O mesmo ocorre na adoção internacional, onde os adotantes já possuem a consciência de que o perfil que chegará até eles é mais diferenciado. Portanto, o esclarecimento e instrução ofertados pelos grupos de apoio são essenciais para a ampliação do perfil de adoção (SANTOS et al., 2011; MOZZI; NUERNBERG, 2016).

Em *relação adotiva* se destacou artigos que tratam da construção do relacionamento entre o adotante e o adotado. Novamente o fator preparação anterior à adoção se mostra necessário para o sucesso ou fracasso do processo adotivo. A extrema importância de deixar a questão da adoção clara e aberta à curiosidade do filho adotivo é ressaltada como um impulsor do desenvolvimento de identidade dessa criança ou jovem, resultando em um relacionamento entre pais e filhos melhor vinculado e esclarecido (PINTO; PICON, 2009; LEVINZON, 2015).

Na categoria *adultos* foram considerados artigos que focam na visão dos pais/família, biológicos ou adotivos, e outros adultos, sobre o assunto. Aqui se destacou como a adoção é associada, pelo senso comum, à infertilidade e como um filho adotivo é entendido, ainda pelo senso comum, como diferente por não possuir um laço sanguíneo com seus pais. Estes dois pontos precisam ser desconstruídos, a fim de desmistificar a temática da adoção, pois quando estão presentes prejudicam o processo de adaptação e podem resultar em devolução, mas se são supridos, o caminho para um processo adotivo saudável e que olhe para o melhor interesse da criança ou jovem a ser adotado é ampliado (LEVY et al., 2009; MACEDO, 2014).

Por fim, em *representações sociais*, foram agrupados estudos que tratam sobre como se dá a significação ou ressignificação da adoção para as pessoas. Como citado anteriormente, foi possível constatar uma alta relação desta categoria com as três anteriores, ou seja, há conexão entre adotar um perfil atípico, elaborar uma relação adotiva saudável e naturalizar a experiência da adoção com a ressignificação proporcionada por grupos de apoio e a promoção de discussões, seja na sociedade ou no meio acadêmico, sobre o assunto.

## 2 Método

Como esta pesquisa, inserida nos estudos de Representação Social, procura compreender o que pensam crianças e adolescentes, membros da comunidade em geral, sobre o tema da adoção, o instrumento de coleta de dados (questionário) foi construído com vista a investigar essa representação social dos grupos alvo de modo que se pudesse fazer um comparativo com a literatura levantada. Com o questionário pronto, ainda fora realizado um teste piloto do mesmo, a fim de confirmar sua autoaplicabilidade, já que é composto de questões abertas e fechadas e da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP). Essa técnica consiste em captar do participante as primeiras palavras ou expressões que lhe vem à mente sobre o assunto pesquisado, a partir de uma sentença ou termo indutor proposto pelo pesquisador (ABRIC, 1994, apud SÁ, 1996).

O número de participantes que compõem este estudo é de 253 pessoas, entre crianças e adolescentes. Especificamente, foram 101 crianças do quinto e sexto ano do Ensino Fundamental e 152 adolescentes do segundo e terceiro ano do Ensino Médio, número suficiente para se realizar uma análise adequada da representação social da adoção para estes grupos. Para se chegar a tal número fez-se contato com cinco colégios estaduais da cidade de Erechim/RS, momento em que se apresentou a proposta de pesquisa à direção. Com o aval da direção dos colégios, em um dia fora entregue às crianças e adolescentes o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para que coletassem a autorização de seus responsáveis e, em outro, sucedeu a aplicação dos questionários àqueles que trouxeram o termo assinado pelo responsável. O projeto desta pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da URI – Campus de Erechim (Parecer nº ).

### 3 Resultados e discussão

A fim de favorecer a análise qualitativa dos dados coletados, inicialmente os mesmos foram transcritos a uma tabela eletrônica para estarem preparados para submissão de softwares que trarão auxílio na discussão desse material coletado. As evocações de palavras foram organizadas pelo software EVOG, sistema que avalia a estrutura da representação social através do cruzamento da frequência das palavras evocadas e sua ordem média de evocação, a fim de identificar o núcleo da representação social (ABRIC, 2003). Enquanto que as respostas das perguntas abertas foram sujeitas ao IRAMUTEQ, software que seleciona segmentos de texto, realizando uma classificação hierárquica descendente que resulta em unidades temáticas (CAMARGO; JUSTO, 2013).

No que se refere às crianças, 55 estão no quinto ano escolar e 46 estão no sexto. A média de idade deste grupo de participantes é de aproximadamente 10 anos e meio, onde 53% do total de participantes correspondem a meninas e 47% correspondem a meninos. Já sobre os adolescentes, 80 participantes pertencem ao segundo ano do ensino médio e 72 ao terceiro, sendo a participação feminina igual a 62% e a masculina igual a 38%. A média da idade deste grupo corresponde a aproximadamente 16 anos e meio. No que se refere a caracterização de todos os 253 participantes, apenas uma criança e uma adolescente afirmaram serem filhos adotivos e 173 (68,4%) assinalaram conhecer pelo menos uma pessoa adotada, destas, 40 (23%) responderam se tratar de um familiar, incluindo sete respostas para pai/mãe, três para irmão(a) e uma para ambas relações familiares. Ocorreram 81 respostas afirmativas para a existência de alguma característica diferente em filhos adotivos, ou seja, 32% dos participantes acreditam que um filho adotado possui alguma diferença para um filho biológico, seja ela física ou emocional. Ainda sobre o total de participantes, 162 deles (64%) acreditam possuir conhecimento sobre o assunto, sendo que as fontes mais citadas para tal obtenção foram a internet (94 respostas) e a família (80 respostas). No entanto, 192 deles (76%) responderam que já conversaram sobre o assunto, sendo as famílias (133 respostas) e as amigas (103 respostas) as relações em que mais ocorreram estes diálogos referentes à adoção.

A sentença indutora “o que você pensa quando ouve falar em adoção?” foi utilizada para a TALP, gerando 457 palavras de 505 possíveis para as crianças e 713 palavras de 760 possíveis da participação dos adolescentes, o que resulta em uma média de 4,5 palavras por criança e 4,7 por adolescente. Ou seja, nem todos

fizeram uso do máximo de cinco palavras de evocação. Desse total de palavras geradas o EVOC traduziu em quadrantes o que seria o núcleo, o sistema periférico e as ideias contrárias da representação social de cada grupo sobre a adoção. Para tanto, foram consideradas palavras com frequência mínima igual ou superior a 6 para as crianças e igual ou superior a 8 para os adolescentes. As linhas de corte entre os quadrantes foram de frequência igual ou superior a 12 (crianças) e igual ou superior a 16 (adolescentes), já a ordem média de evocação usada para corte foi de 2,5 (ambos).

O quadrante superior esquerdo se refere ao núcleo da representação social. São as palavras centrais para cada grupo, pois compõem os elementos mais frequentes, comuns ou importantes segundo os mesmos. É em função destas ideias que o grupo organiza o sentido que atribui ao objeto em questão (adoção), seria o cerne da representação (ABRIC, 2003). Para as crianças (Tabela 1), os elementos organizadores da representação social são *amor*, *família* e *tristeza*. Destaca-se aqui uma visão da adoção pelo lado do adotado, onde o mesmo está em sofrimento e a adoção é um recurso que lhe proporcionará a oportunidade de ter uma família e receber amor da mesma. Brodzinsky, Lang e Smith (2006), apontam que o foco principal deve estar no melhor interesse do adotado, e as crianças demonstraram ter essa mesma visão, não focando na pessoa que adota. Na Tabela 2 os adolescentes apresentaram uma frequência elevada do termo *amor* ( $f=117$ ), assim como uma alta ordem de evocação (OME=1,667), mostrando que o grupo tem este termo como proeminente para organização de seu entendimento do objeto em questão. Os termos *família* e *responsabilidade* auxiliam no entendimento deste núcleo, que fala sobre um amor “adulto”, uma ação do adotante, consciente, responsável, paternal.

Tabela 1 – Quadro de quatro casas do EVOC segundo crianças

		OME < 2,5		OME ≥ 2,5			
		Elemento	f <sup>1</sup>	OME <sup>2</sup>	Elemento	f	OME
f ≥ 12	Amor	49	2,204	Alegria	20	2,750	
	Família	21	2,238	Carinho	27	3,444	
	Tristeza	16	2,375	Criança	18	2,556	
				Cuidado	12	2,750	
				Felicidade	35	2,971	
				Respeito	16	2,750	
f < 12	Ajudar	11	2,273	Amizade	08	3,250	
	Esperança	06	1,667	Compaixão	08	3,250	
	Responsabilidade	06	1,667	Paz	10	3,800	
	Roupa	06	2,333	União	11	3,636	

1 – Frequência; 2 - OME – Ordem Média de Evocação

O sistema periférico é apresentado no quadrante superior direito, nele estão contempladas palavras de alta frequência, porém com ordem média de evocação igual ou superior a 2,5. São esses elementos que ajudam na compreensão mais clara do objeto de representação, já que ofertam um sentido ampliado, um significado maior ao que está posto no núcleo (ABRIC, 2003). Com relação às crianças (Tabela 1) percebe-se que o maior interesse do adotado permanece como ideia latente. Termos como *alegria*, *felicidade*, *respeito* e *carinho* reforçam que para este grupo de participantes a adoção é algo ligado ao bem-estar da criança adotada. Já para os adolescentes (Tabela 2), além de a adoção estar mais relacionada com o lado do adotante, ela também assume um foco altruísta, pois os termos *compaixão*, *cuidado* e *solidariedade* complementam a ideia do núcleo de um amor responsável, de uma boa ação. O estudo de Costa e Kimmelmeier (2013) com futuros pais adotivos reafirma a mesma ideiação caridosa como principal motivo para adoção, portanto, os adolescentes participantes, mesmo a maioria sem contato direto com a adoção, possuem a mesma opinião de pessoas que estão envolvidas com o processo de adotar.

Tabela 2 – Quadro de quatro casas do EVOC segundo adolescentes

		OME < 2,5		OME ≥ 2,5		
Elemento		f <sup>1</sup>	OME <sup>2</sup>	Elemento	f	OME
f ≥ 16	Amor	117	1,667	Carinho	64	3,234
	Família	35	2,343	Compaixão	29	3,000
	Responsabilidade	24	2,000	Cuidado	16	3,188
				Esperança	17	3,412
				Felicidade	27	3,815
				Respeito	23	3,217
				Solidariedade	25	3,400
f < 16	Acolhimento	14	2,357	Abrigo	09	3,667
	Oportunidade	10	2,400	Afeto	15	3,400
				Ajuda	12	3,333
				Alegria	13	3,462
				Bondade	08	3,500
				Burocracia	08	3,625
				Compreensão	12	3,250
				Confiança	09	3,333
				Criança	09	2,889
				Empatia	10	2,700
				Lar	11	3,182
			União	09	3,556	

1 – Frequência; 2 - OME – Ordem Média de Evocação

Abrie (2003), também dá destaque às palavras que trazem ideias “contrárias” às que estão postas como núcleo da representação social. São elementos de baixa frequência, mas que são prontamente evocados quando citados por algum participante, ou seja, a OME desses termos é menor a 2,5 (quadrante inferior esquerdo). Podem ser entendidos como um contraponto ao elemento organizador de cada grupo. Nesse sentido, os participantes crianças (Tabela 1) apresentaram como contraponto ao núcleo os termos *ajudar* e *roupa*, remetendo a uma visão do adotante benfeitor. Como dito anteriormente, esses termos não se relacionam com a ideia central deste grupo sobre a adoção, porém nos indivíduos que aparecem esses elementos, eles são fortemente evocados, como o termo *responsabilidade*

(OME=1,667), que embora citado apenas 6 vezes, era sempre colocado como primeira ou segunda palavra mais prontamente lembrada quando pensavam em adoção. Para os adolescentes (Tabela 2), os termos *acolhimento* e *oportunidade* compõem a ideia contrária ao núcleo. Aqui se visualiza um direcionamento para a condição do adotado, encarando a adoção como forma de oportunizar uma nova realidade, como forma de acolher aqueles que não tiveram a chance de desfrutar de um lar. Em suma, ofertar a experiência de ser cuidado como qualquer outra criança/filho. Este é um fator importante quando se pensa em oportunizar um lar para uma criança ou jovem, já que este indivíduo será como qualquer outro: singular em suas qualidades e defeitos. Sem acreditar que o filho adotivo deva uma gratidão obrigatória a sua família, como citado por Otuka, Scorsolini-Comin e Santos (2012) em seu estudo de caso com família composta por filhos biológicos e um adotivo.

O último quadrante (inferior direito) comporta as palavras que formam a periferia mais distante do núcleo, mas ainda assim associadas ao mesmo. Elas correspondem às ideias mais passíveis de mudança, caso surjam novas informações, por terem baixa frequência e ordem média de evocação igual ou superior a 2,5 (ABRIC, 2003). Diante disto, para as crianças (Tabela 1) os termos *amizade*, *paz* e *união* correspondem a ideias mais “frágeis”, mais inclinadas a mudarem ao longo do tempo. Por se tratarem de palavras mais amplas e genéricas, pode-se pensar que demonstram um olhar idealizado da adoção e que podem se alterar conforme essas crianças adquirirem um conhecimento maior da temática. Os resultados dos adolescentes também mostram alguns termos nessa linha de interpretação, como *alegria* e *união*. Todavia, os elementos mais presentes nesse quadrante são *afeto*, *abrigo*, *lar* e *compreensão*, que destacam o lado do indivíduo adotado. Por serem termos ligados ao núcleo da representação, entende-se que os adolescentes veem a mesma como uma ação amorosa e responsável da família adotiva, enfim, o foco está em quem adota, mas ao mesmo tempo surge efeito em quem é adotado, que por consequência recebe acolhimento e afetividade. Reforça-se aqui a característica passível de mudança desses elementos, uma vez que no grupo dos adolescentes a representação social da adoção está mais voltada para o adotante.

Outros pontos de discussão também apareceram pelas perguntas abertas, onde os participantes explanaram suas opiniões sobre alguns aspectos importantes da adoção. As respostas foram analisadas através do IRAMUTEQ, e como foram dois temas abordados no questionário, fora gerado dois *corpus* de análise, um para “motivo pelo qual se adota” e outro para “quem pode adotar” (ambos referentes a

opinião pessoal de cada participante). No primeiro *corpus* (Figura 1), se originou 243 seguimentos de texto, e destes, 202 foram selecionados pelo *software* para compor a análise, correspondendo a 83,13% do total. Por meio da classificação hierárquica descendente, este *corpus* foi dividido em quatro classes distintas ou universos temáticos, relacionados em três níveis diferentes.

A classe 1 (Figura 1) é composta de 51 segmentos de texto, ou seja, 25,25% do total de segmentos analisados, sendo uma classe mais associada com os participantes adolescentes. O conteúdo que surgiu através dessas unidades de contexto elementar (UCE) relaciona o motivo para adotar com opção, com querer. Todavia, essa disposição para a adoção não está desprovida de um olhar mais voltado para os adotantes do que para o adotado, pois geralmente se torna uma vontade em indivíduos homossexuais ou que não conseguem ter um filho biológico e que veem na adoção uma opção viável e empática de vivenciar a criação de um filho. Excertos como os que seguem ilustram esse ponto de vista:

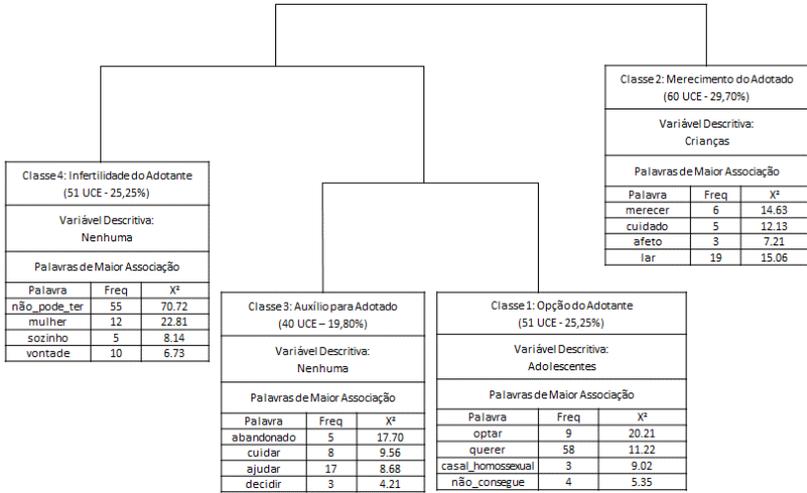
O casal não pode ter filhos ou o casal querer fazer um gesto de amor ou quando uma pessoa não deseja gerar um filho, mas criar (UCE 79).

Muitos casais que optam por ter uma família e não podem por motivos biológicos optam por adoção, por acolhimento e compaixão para dar oportunidades, carinho e um lar para uma criança ou jovem que precisa (UCE 81).

A classe 2 (Figura 1) está melhor relacionada com os participantes crianças, sendo composta por 60 segmentos de texto, ou UCE, dos 202 considerados pelo *software*, totalizando 29,7% do *corpus* e se destacando como a maior classe. As respostas aqui classificadas colocam como motivo para adoção o merecimento da criança ou jovem, ou seja, esses participantes entendem que é um direito ter uma família, afeto e cuidado, e o motivo da adoção é justamente propiciar esta vivência a quem não a possui. Seguem excertos que expõem essa opinião:

Porque uma criança precisa saber o que é ter um lar, uma família, avós, tios, irmãos e etc (UCE 42).

Porque eles não têm família e precisam de uma para receber amor, carinho etc (UCE 43).

Figura 1 – Dendograma de Classes do *corpus* Motivo pelo qual se Adota

A classe 3 (Figura 1), formada por 40 segmentos de texto (19,8% do total), não está relacionada a nenhuma característica específica dos participantes da pesquisa. O motivo para se adotar indicado é o auxílio. Portanto, as pessoas adotariam com o intuito de ajudar e cuidar de uma criança ou jovem que foi abandonado pela sua família de origem. Esta classe está no mesmo nível de relação com a classe 1, assim sendo, ambas as classes apontam para uma visão do adotante quanto a motivação, onde uma se difere da outra por abarcar ideais mais altruístas ou menos altruístas. Algumas UCE que ilustram a classe 3 seriam:

Por amor incondicional e respeito às diferenças. Entre tantas formas de adoção, de animais ou crianças e jovens, o que prevalece é o amor pela linda atitude (UCE 83).

Na minha opinião se adota pelo motivo de amar, ajudar o próximo e conseguir que a criança ou jovem possa ter também alguém para chamar de pai e de mãe e conseguir ter sua família (UCE 206).

A classe 4 (Figura 1) também não está relacionada com nenhuma característica dos participantes, compreendendo 25,25% do total do *corpus* de análise com 51 UCE identificadas. Aqui o motivo para adotar está associado com a infertilidade. Para esta parcela de participantes a adoção é uma opção para aqueles que não podem ter filhos biológicos, seja pelo motivo que for, e desejam não ficar sozinhos em suas vidas. Maux e Dutra (2010), em sua revisão bibliográfica sobre o tema, identificaram uma alta relação entre adoção e infertilidade e como essa ideia está difundida e enraizada na cultura da sociedade, desde tempos antigos e

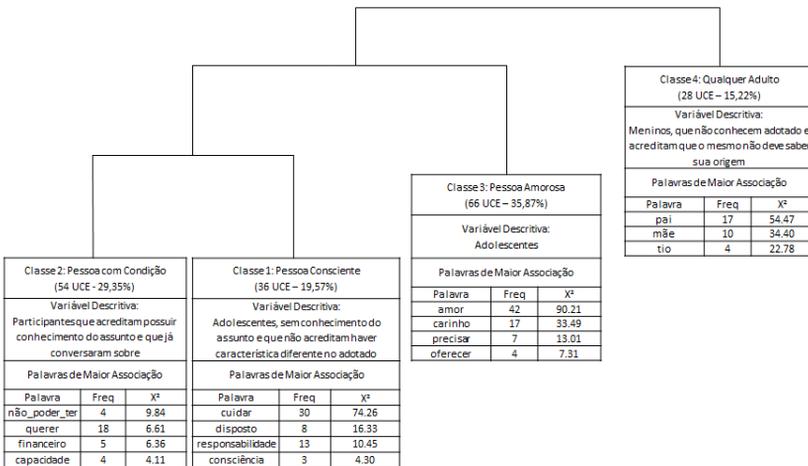
até a atualidade. A elaboração de uma classe para apenas esta motivação mostra a força dessa ideia. As classes 1 e 3 estão relacionadas a esta como subníveis, pois as três abordam o lado do adotante, mas as duas anteriores ofertam um olhar para a situação do adotado, a classe 4 não. Já a classe 2 se distingue desta no primeiro nível de classificação, por se concentrar em uma motivação que atende às necessidades do filho adotivo. Exemplos de respostas que sustentam a classe 4 são:

Casal LGBT, mulher que não pode engravidar, ou homem que não consegue reproduzir, ou uma pessoa que queira criar uma criança sozinha (UCE 235).

Têm pessoas que não podem ter filhos e têm o sonho de ter, então eles adotam (UCE 10).

Em relação ao segundo *corpus* de análise (quem pode adotar) 184 segmentos de texto foram utilizados pelo IRAMUTEQ dentro os 244 originados inicialmente, o que reflete uma porcentagem igual a 75,41%, adequada para uma análise qualificada dos dados. Este *corpus* (Figura 2), assim como o primeiro, também foi segmentado em quatro classes de três níveis diferentes a partir da classificação hierárquica descendente.

Figura 2 – Dendograma de Classes do *corpus* Quem pode Adotar



A classe 1 (Figura 2), relacionada com adolescentes que acreditam não ter conhecimento sobre adoção e que não há característica diferente entre filho biológico e adotado, é composta por 19,57% do corpus selecionado, portanto, 36 UCE. O conteúdo agrupado nessas unidades sugere que quem pode adotar é a pessoa consciente de seu ato. Alguém que está disposto a cuidar e amar outra vida com responsabilidade. Por estes participantes não entenderem muito do assunto,

assumem que adotar é uma ação responsável e que exige consciência, ou seja, por não serem conscientes do tema, acreditam que quem for adotar deva ser. Respostas que exemplificam essa classe seriam:

Quem vai ter o compromisso de cuidar como se fosse biológico (UCE 80).

Uma pessoa que tenha responsabilidade e uma mente aberta para lidar com a situação, e poder cuidar de uma maneira boa (UCE 100).

Já a classe 2 (Figura 2) se relaciona com os participantes que alegaram ter conversado sobre adoção e que acreditam possuir conhecimento sobre o assunto. Ao todo foram consideradas 54 UCE das 184, representando 29,35% do corpus. Para esta parcela de pessoas, quem pode adotar é a pessoa com condições. Destacase a questão da infertilidade mais uma vez nesta pesquisa, pois nesta classe se centraram respostas sobre pessoas que não podem ter filhos, e o desejam, como passíveis de adotar, contanto que tenham condições financeiras para tanto. Como este grupo majoritariamente já conversou e crê entender sobre o tema, entende-se novamente como a herança cultural, que relaciona adoção à infertilidade, influencia a opinião da sociedade atual, como demonstrado na revisão bibliográfica de Maux e Dutra (2010). A classe 1 encontra-se no mesmo nível de relação a esta, onde ambas destacam que o adotante deva possuir alguma característica de garantia; na primeira uma comportamental, na segunda uma material. Alguns excertos que demonstram a linha de raciocínio da classe 2:

Quem tem uma qualidade de vida boa financeiramente (UCE 139).

Pai ou mãe solteiro, casais, pessoas que não podem ter filhos, até pessoas com uma idade que possui capacidade de cuidar da criança ou jovem, pessoas que tem condição de manter uma criança e principalmente que seja psicologicamente capacitado, ou seja, terá de passar por testes psicológicos. Casais homoafetivos também têm direito a adoção (UCE 205).

A classe 3 (Figura 2), composta de 66 segmentos de texto, é a maior classe gerada, representando 35,87% do total das UCE. É uma classe correlacionada aos participantes adolescentes, que apontaram que a pessoa que pode adotar é aquela que tem amor e carinho para ofertar a quem precisa. Por estar em um nível de relação acima das classes anteriores, entende-se que esta também inclui alguma condição para a pessoa poder adotar, mas enquanto as outras se constituíam de uma condição que o adotante deve possuir, esta foca numa condição que o adotante deve oferecer. Portanto, aqui o interesse do adotado é um pouco mais explorado e levado em consideração. As UCE abaixo compreendem algumas respostas desta classe:

Na minha opinião, quem pode adotar são aquelas pessoas que têm amor no coração (UCE 35).

Todo mundo que possa dar carinho, amor e felicidade para o adotado (UCE 46).

Por fim, a classe 4 (Figura 2) é a mais distinta em nível de relação, separando-se das outras logo na primeira classificação realizada pelo software. Está diretamente associada com crianças do sexo masculino, que não conhecem pessoa adotada e que acreditam que a adoção não deve ser revelada ao adotado. É a menor das quatro classes, possuindo 28 UCE (15,22%). Este grupo relata que a pessoa que pode adotar é o pai, a mãe, um tio, etc. Ou seja, não há um critério, a pessoa sendo adulta é o suficiente para poder adotar. Neste caso, o adulto fora entendido como algum familiar do participante. Eles não conhecem alguém que foi adotado e acham que o mesmo não deve saber de sua origem, talvez por isso acreditem que quem adota é uma pessoa de família, que tomará esse filho adotivo como biológico e nunca mais se entrará no assunto. Respostas como as que seguem foram agrupadas nessa classe:

Mãe ou pai, tia ou tio, depende quem vai adotar (UCE 72).

Pais podem adotar. Pais: já namorando ou casados (UCE 76).

Esta classe 4 se encontra no primeiro nível de divisão porque não apresenta condições para o adotante, considera apenas que seja um adulto. Esta visão aparenta certo grau de inclusão, considerando qualquer pessoa como válida, todavia, Valério e Lyra (2014) apontam para a importância de existirem determinadas orientações, que os adotantes possam passar por reflexões permanentes antes, durante e depois da adoção, principalmente psicológicas e jurídicas, com o objetivo de ampliar as adoções bem sucedidas.

#### **4 Considerações finais**

A partir das análises realizadas foi possível notar as diferentes representações sociais que crianças e adolescentes atribuem ao objeto em estudo, a adoção. As crianças demonstraram uma tendência a perceberem o lado do adotado, muito provavelmente por conta da identificação. Para elas é mais fácil se colocar no lugar de uma criança adotada, imaginando que a mesma não possui o que ela desfruta e que seria um direito dela também usufruir. Esse direito se refere à vivência de um lar, cuidados paterno-maternos e relações afetivas. Já os adolescentes, por estarem construindo uma identidade adulta, voltam sua visão da situação para o lado do

adotante, se desligando do melhor interesse da criança ou jovem a ser adotado e passando a considerar as razões e condições do adulto que adota. É interessante pontuar que no quadrante inferior esquerdo das crianças (Tabela 1), onde se encontram os termos “contrários” do núcleo da representação social, há elementos como *responsabilidade* e *ajudar*, que remetem ao adotante. É correto firmar que possivelmente esses termos irão penetrar cada vez mais o núcleo e se constituir como o elemento organizador da representação social deste grupo para o objeto adoção, na medida em que forem crescendo e se distanciando da identificação com as crianças.

No que tange a quem pode adotar, a maioria das UCE falavam sobre alguma condição que o adotante deveria ter, seja ela material, emocional, comportamental, etc. Chegou a se citar condições psicológicas em algumas respostas, porém não fora especificado se essas condições seriam adquiridas por uma preparação anterior a adoção, como estudos afirmam ser essencial. Segundo Pinto e Picon (2009), disponibilizar uma intervenção psicoterápica preventiva se faz necessário para amenizar dificuldades de adaptação na adoção, auxiliar na formulação do vínculo entre as partes e preparar os adotantes para a revelação da condição adotiva de seus filhos.

Sobre o motivo de por que se adota, apesar da classe que aponta o mesmo como um direito da criança ou jovem estar inserida em uma família, as outras três abordam uma motivação advinda do adotante, e juntas compõem quase três quartos ( $\frac{3}{4}$ ) do *corpus* analisado. Este é um resultado que entra em acordo com o material levantado durante a revisão não sistemática realizada antes do início da coleta de dados. Do mesmo modo, já era esperado que a motivação mais citada seria a infertilidade, visto os vários estudos que concluem o mesmo indicador. Portanto, os resultados desta pesquisa corroboram os anteriores e demonstram mais uma vez como a temática da adoção ainda necessita de muita desmistificação. Já que uma representação social orienta os indivíduos a como se comunicar e comportar perante determinado objeto, não basta que pretendentes e pessoas que já adotaram se inteirem sobre o tema através de grupos de apoio e discussões promovidas academicamente, mas que a sociedade em geral também adquira esse saber. Assim, possibilita-se que se instaure um novo saber prático sobre a adoção dentro da sociedade, que preza pelo melhor interesse do adotado.

## Referências

ABRIC, J. C. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C do S. (Org).

**Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. da UCG. 2003.

BRODZINSKY, D. M.; LANG, R.; SMITH, D. W. Parenting Adopted Children. In: ANDRADE, R. P.; COSTA, N. R. A.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso. **Paidéia**, v. 16, n. 34, p. 241-252, 2006.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

COSTA, L. T. M.; KEMMELMEIER, V. S. O olhar de futuros pais sobre o processo de adoção. **Psicologia Argumento**. 2013; v. 31, n. 72, p. 187-196.

LEVINZON, G. K. A curiosidade na adoção: terreno pantanoso ou saúde psíquica? **DESidades**, v. 7, n. 3, p. 10-20, 2015.

LEVY, L.; PINHO, P. G. R.; FARIA, M. M.; “Família é muito sofrimento”: um estudo de casos de “devolução” de crianças. **Psico.**, v. 40, n. 1, p. 58-63, 2009.

MACEDO, L. E. M. L. A dinâmica perversa na adoção: interrogando sobre filiação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 17, n. 3, p. 696-705, 2014.

MAUX, A. A. B.; DUTRA, E. A adoção no Brasil algumas reflexões. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 2, p. 356-372, 2010.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MOZZI, G.; NUERNBERG, A. H. Adoção de crianças com deficiência: um estudo com pais e mães adotantes. **Paidéia**, v. 26, n. 63, p. 101-109, 2016.

OTUKA, L. K.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Adoção suficientemente boa:

experiência de um casal com filhos biológicos. **Psic: Teor. e Pesq.**, v. 28, n. 1, p. 55-63, 2012.

PINTO, M. C. N.; PICON, P. Adoção: proposta preliminar para uma abordagem

psicoterápica cognitivo-comportamental para pais adotantes. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 5, n. 1, p. 3-17, 2009.

SÁ, C. P. Quanto à saliência dos elementos de uma representação. **Núcleo central das Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Vozes. 1996.

SANTOS, C. P. et al. Adoção por pais solteiros: desafios e peculiaridades dessa experiência. **Psicol. teor. prat.**, v. 13, n. 2, p. 89-102, 2011.

VALA, J. Representações sociais – para uma psicologia social do pensamento social. In: Vala, J., Monteiro, M. B. **Psicologia social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian. 1996.

VALÉRIO, T. A. M.; LYRA, M. C. D. P. A construção cultural de significados sobre adoção: um processo semiótico. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 716-725, 2014.